

LEONARDO TREVISAN

Inúteis ilusões?

No tempo em que as multinacionais da eletrônica planejam a máxima popularização possível da sala de estar multimídia o que a escola deve ensinar? Moleque bem-nascido, desses tratados com o melhor leite, com relações ideais com a Internet, chegou à 5ª série em colégio tradicionalíssimo, sempre aluno acima da média e, de repente, começou a ter nota baixa. Pais preocupados buscaram solução tradicional: professor extra. Este, profissional competente na repetição do conhecido, tirou todas as dúvidas do rebento, menos uma: "Para que serve isso que querem que eu aprenda?" E gerou suspeita pior: as notas despencaram quanto o infante perguntou o mesmo aos mestres. Problema sério que não é de uma escola, e sim, de todas. Pode até se agravar em algumas, mas não é de nenhuma em especial.

Essa é a questão: no mundo como o nosso, cujo mínimo de velocidade exigido pelo que vale a pena é o "tempo real", o que a escola deve ensinar? O que entendemos por currículo escolar satisfaz? E, principalmente, satisfaz quem? O aluno, literalmente, não. Como negar que um certo tédio funciona como denominador comum em muitas salas de aula. Em muitos níveis e talvez em qualquer extrato social. Por outro lado, como negar que um certo acomodamento, quase

inércia, cerca todos os profissionais do chamado ambiente escolar? Os professores, com tantas razões para reclamar de tanta coisa, preferem a representação cotidiana do papel de coitadinhos por tudo que o perfil lhes é favorável. Diretores no ensino privado e os responsáveis maiores pela escola pública preferem falar o tempo todo em dinheiro, escudados ambos na máxima de que para funcionar a escola precisa do próprio. Toda uma indústria de amparo paralelo ao ato de ensinar algo a alguém — da qual o livro didático é só o carro-chefe — abençoa essa acomodação repetindo e monopolizando, ano após ano, os lucros reais das ilusões coletivas. Todos bem alicerçados na idéia de que todo mundo precisa de escola. Seja ela qual for. E, portanto, com a reserva de mercado garantida tocam o barco.

O único problema é a sociedade no referido mundo da velocidade real. Quem gosta de prestar atenção nessas coisas começa a notar que o

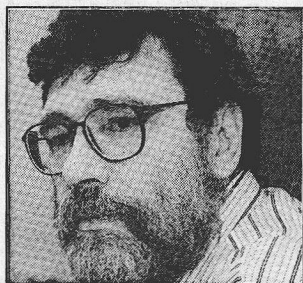
tem mais valioso desses tempos novos, o emprego, não tem mais a mesma relação umbilical com "escola", pelo menos como nós a conhecemos. Empregabilidade, no sentido que a palavra tem agora, não começa na escola; começa sim na opção curricular que a chamada escola fez. O pai que coloca o filho na escola que mantém professores crentes da "reserva de mercado" talvez pague muito caro a desatenção. Nada é diferente com o estudante universitário. Aquele que ainda acredita na mágica da felicidade implícita no diploma do curso "de renome" talvez mereça o que lhe acontece. Desde já é o curioso, o irrequieto, que mantém o emprego que vale a pena. Diploma, no sentido que conhecemos, não é nem ferramenta; é só carta de apresentação. Em pouco tempo, até os empregos que não valem a pena serão absorvidos pelo mesmo espírito.

O governo, bom, o governo, olha tanto para os que detêm a "reserva de mercado" das ilusões educacionais como para o que a sociedade vem fazendo e toma decisões. Ou melhor tenta tomá-las. O MEC promoveu encontro de especialistas e dele nasceu o "Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental", lançando a idéia de que, além das áreas tradicionais do currículo, devem aparecer temas novos "transversalizados" nas áreas já existentes.

Transversais no sentido de alcançarem a grade curricular toda, não se concentrando em um único ano. Os temas escolhidos para a transversalidade são: ética, saúde, meio ambiente, estudos econômicos pluralidade cultural e orientação sexual. Na verdade, o governo apenas deu o pontapé inicial no jogo do futuro. Nada mais.

Se ninguém pressionar a escola, continuará a "reserva de mercado" que é. O tal encontro vira comissão e... Obviamente a sociedade vai andar independente da escola, aliás como vem fazendo. Falar na resistência dos donos do mercado é chover no molhado. Talvez, e não só no Brasil, estejamos diante da curiosa escolha: a idéia de escola que temos, com as ilusões educacionais que vende, ainda serve para algo? Mas quem está interessado em discutir isso? Empresários e sindicalistas com certeza têm preocupações mais urgentes.

■ Elio Gaspari, que escreve neste espaço às quartas-feiras, está em férias



■ Leonardo Trevisan é editorialista do "Estado"

Emprego não começa na escola, mas sim no currículo que a tal escola ensina